

ARA VOTIVA DE CANAS DE SENHORIM

Foto 138

Em Canas de Senhorim, em casa do Dr. Reis Pinto, existe, há muitos anos, uma ara votiva. Ignoram os seus proprietários o sítio de onde teria sido trazida ou se teria sido achada no próprio local onde hoje se situa a sua casa, o que não parece provável.

De granito de grão médio, apresenta um fóculo quadrado, capitel com moldura, fuste sem demarcação do campo epigráfico e base separada deste por um simples ressalto duplo.

28
Dimensões: 70 × 24 × 22.
28

BESEN/CLAE / DOCQV/IRVS CE/⁵LTI (*filius*) V(*otum*)
A(*nimo*) L(*ibens*) S(*olvit*)

Doquiroy, filho de Celto, cumpriu, de bom grado, o seu voto a Besencla.

Altura das letras: 3,5-5.

A gravação está um pouco desgastada devido aos maus tratos que a pedra sofreu e à própria qualidade do suporte granítico. As letras ocupam todo o espaço disponível, tendo havido o cuidado de destacar o nome da divindade nas duas primeiras linhas, deixando-se espaço em branco na segunda — é um pormenor importante, tendo em consideração as outras duas aras que se estudarão a seguir.

Revela-nos este monumento um teónimo até agora desconhecido, cujo radical *Besen-* poderá estar relacionado com o topónimo Viseu; admito, inclusive, uma origem comum ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Ver, a este propósito, Vaz, João L. Inês, *Canas de Senhorim e Carvalho Redondo — Epigrafia e Romanização* (a sair na revista «Portugália»).

A antroponímia aqui registada não é inédita nesta região linguística e é bastante frequente na epigrafia peninsular. O cognome *Celtus* teve, no início, uma nítida conotação étnica. *Docquirus* está bem documentado na Beira Baixa, Alto Alentejo e província de Cáceres, sendo, por isso, considerado por Lourdes Albertos como claramente lusitano ⁽²⁾.

Atendendo às características paleográficas, à identificação do dedicante (à maneira indígena) e, também, à molduração (típica do séc. I), esta ara datará da primeira metade do séc. I.

JOÃO L. INÊS VAZ



Foto 138

⁽²⁾ M. Lourdes ALBERTOS, *Onomastica personal indígena del noroeste peninsular (astures e galaicos)*, «Veleia», 2-3, 1985-1986, p. 282.

ARAS DE CARVALHAL REDONDO

Apareceram, há talvez uns seis anos, quando se procedia a reparações num lagar, no Carvalho Redondo, freguesia do concelho de Nelas, *duas pedras com letras*, como me foi comunicado na altura.

Faziam de ombreiras de um armário aberto na parede de um lagar. Devido à sua semelhança e ao facto de terem a mesma inscrição, estudam-se em conjunto.

São ambas de granito de grão médio e estão em bom estado de conservação.

O estilo das duas aras é o mesmo, parecendo talhadas pela mesma mão.

Apresentam uma forma perfeita, com base, fuste e capitel. O capitel separa-se do fuste por uma cornija constituída por escócia e equino duplos, enquanto a base se separa por uma faixa reversa.

A utilização que tiveram ao longo dos séculos levou a que a primeira sofresse uma fractura na base, e na segunda fosse feito um rasgo; em ambos os casos, porém, não foram afectadas as respectivas inscrições.

139.1

Foto 139.1

34

Dimensões: 76 × 23 × 18.

34

Campo epigráfico: 36 × 22,5.

DOCQV/IRVS CEL/TI / V(*otum solvit*).

Doquiro, filho de Celto, (cumpru o) voto.

Altura das letras: 4-6.

Apresenta uma gravação bastante funda, em bisel. Parece não ter havido paginador, caso contrário a distribuição do texto pela pedra seria mais homogênea: cinco letras na l. 1, sete na l. 2, duas na l. 3 e uma na l. 4.

Assinale-se a grande abertura do *V* de *votum* nas duas aras e com um *ductus* perfeitamente idêntico.

139.2

Foro 139.2

33

Dimensões: $72 \times 29 \times 23$.

33

Campo epigráfico: 34×29 .

DOCQVIR/VS CELTI / V(*otum*) S(*olvit*).

Doquiro, filho de Celto, (cumpru o) voto.

Altura das letras; 3-7.

Uma questão que deverá colocar-se a propósito destas aras de Carvalho Redondo é a da ausência dos teónimos. Como vimos, a ara de Canas de Senhorim é consagrada pelo mesmo indivíduo que dedicou as duas de Carvalho Redondo e ao mesmo dedicante pertence uma outra ara de Canas de Senhorim transportada por Leite de Vasconcelos para o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia ⁽¹⁾.

A ausência do teónimo significará que as aras se destinavam a ser colocadas num santuário, certamente um pequeno santuário doméstico, consagrado a *Besencla*, dispensando-se, por isso, a repetição do nome da divindade.

⁽¹⁾ J. Leite de Vasconcelos, *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*, «O Arqueólogo Português», 28, 1929, p. 209-227. O autor achou e identificou esta ara num sítio a que ele chama de Olival Grande. Não se encontra ninguém em Canas de Senhorim que identifique hoje este topónimo. Teria o autor confundido com outro lugar, por exemplo a Laja do Quarto ou o Passal, onde os vestígios romanos são evidentes? O que é certo é que a ara do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia tem a mesma inscrição das restantes, o que levou Leite de Vasconcelos a pôr a hipótese de se tratar de uma ara funerária, sobretudo porque leu na última linha V. F., que interpretou como V(*ivus*) F(*ecit*), não excluindo, porém, a hipótese de ser V(*otum*) F(*ecit*), a única que, por conseguinte, se deve reter.

Aos exemplos da omissão de teónimos, aduzidos por José d'Encarnação haverá, pois, que acrescentar mais as três aras do Carvalhal Redondo e Canas de Senhorim, para se concluir com segurança que «não encontramos explicação para a omissão do teónimo» que não seja a da colocação do monumento no «recinto habitual de culto» (2).

JOÃO L. INÊS VAZ



Foto 139.1

(2) José d'ENCARNAÇÃO, *Omissão dos teónimos em inscrições votivas*, «Veleia», 2-3, 1985-1986, p. 305-310.

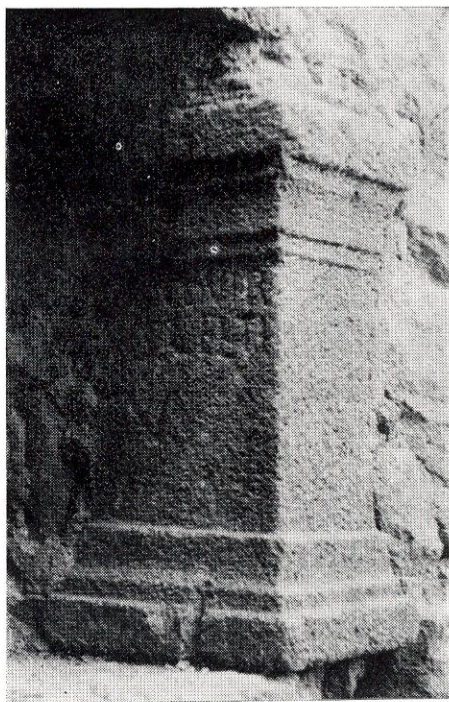


Foto 139.2

FRAGMENTO DE ARA DO MUSEU DE GRÃO VASCO (VISEU)

Foto 140

No Museu de Grão Vasco, em Viseu, encontra-se guardada há muitos anos, talvez desde os tempos da direcção do capitão Almeida Moreira, a parte superior de uma árula. Não se sabe onde foi recolhida nem consta dos registos de entrada do Museu, mas pensa-se que será da região de Viseu, exactamente por ter sido recolhida no tempo do primeiro director ⁽¹⁾.

O que dela resta faz-nos supor que se tratava de um monumento bastante cuidado na sua forma. O suporte em que foi esculpido é um granito de grão muito fino. A cabeceira, constituída por frontão triangular de que ainda há o esboço, tinha toros ou volutas e fôculo perfeitamente circular. A moldura que separa o capitel do fuste é feita por uma meia-cana entre dois pequenos filetes.

29

Dimensões: 23 × 24 × 16.

COSEI . VA/[C]OAICO...

A Coseu Vacoaico...

Altura das letras: 3,3.

Na l. 2, existiria uma sexta letra no início, um *C*, pois são ainda visíveis os seus vestígios. Assinale-se o ponto de separação entre o nome da divindade e o seu epíteto, o que demonstra que tomaria diferentes epítetos consoante o povo venerador: será mais um

⁽¹⁾ Demos dela uma primeira notícia em «Museu de Grão Vasco — Boletim dos Amigos do Museu», n.º 18, Setembro-Outubro de 1987, p. 4.

epíteto de origem étnica. Inclui-se entre as divindades de radical *Cos-* e é extremamente conhecida ⁽²⁾.

O radical do epíteto não é inédito na teonímia peninsular, pois se encontra presente em duas inscrições provenientes de perto de Astorga, dedicadas a *Deus Vacocaburius* e a *Deus Vagodonnaegus* ⁽³⁾. Aqui, teremos que considerar a existência deste radical no nome de um dos rios principais da região, o Vouga, que, na época romana, seria designado *Vacua*. Também não poderemos esquecer a tradição viseense que situa na chamada «*Cava de Viriato*» a cidade romana de *Vacca*. Terão o nome do rio e a tradição algo a ver com algum *populus* de cujo nome conservaram a recordação e de que, nesta árula, teríamos identificada a divindade protectora?

Considerando a paleografia (formas bem redondas do *C* e do *O*), esta ara será dos inícios do séc. I.

JOÃO L. INÊS VAZ

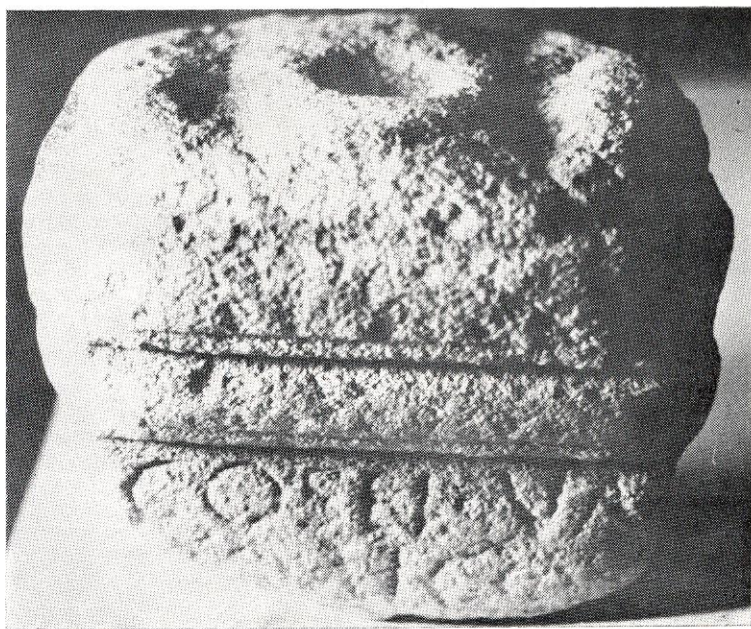


Foto 140

⁽²⁾ A. C. Ferreira da SILVA, *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986, p. 289.

⁽³⁾ A. TRANOY, *La Galice romaine*, Paris, 1981, p. 296.

PLACA FUNERÁRIA DE CANAS DE SENHORIM

Foro 141

Em Setembro de 1984, quando da visita do GAAC — Grupo de Arqueologia e Arte do Centro ao concelho de Nelas, tive conhecimento por intermédio do seu proprietário, Eng.º Valejo, da existência da placa funerária de que hoje se dá notícia.

Teria sido encontrada há cerca de vinte anos, não se sabendo donde proveio, quicá algum lugar de Canas de Senhorim, concelho de Nelas. De granito de grão médio, está fracturada no canto inferior direito; campo epigráfico bastante erosionado, emoldurado com uma meia-cana.

Apresenta na parte posterior uma rosácea, o que faz supor que o monumento seria para colocar na vertical, à cabeceira da sepultura.

Dimensões: $62 \times 47 \times 16$.

Campo epigráfico: $49 \times 38,5$.

MODESTINO / MODESTI (*filio*) / ANN(*orum*) XIII (*quatuordecim*) FILIO · PISSIMO / MODESTVS ET CILIA F(*aciendum*) C(*uraverunt*).

Altura das letras: 4-5,5.

A Modestino, filho de Modesto, de catorze anos. Modesto e Cília trataram de fazer ao filho, modelo de piedade.

Gravação perfeita. A letra, capital quadrada, é cuidada e a paginação, segundo um eixo de simetria, demonstra que houve um estudo prévio da distribuição das letras pelo espaço disponível.

Destacaram-se as três primeiras linhas, as respeitantes ao defunto, e fizeram-se mais pequenas as letras que identificam os dedicantes do monumento.

A antroponímia aqui registada é relativamente frequente no mundo romano ⁽¹⁾.

Modestinus, o nome do filho, formou-se a partir do nome do pai, num processo frequente: juntando o sufixo *-inus*. *Modestinus* não é desconhecido na antroponímia regional: aparece num monumento de S. Cosmado, no vizinho concelho de Mangualde, onde um cidadão romano faz uma oferta aos habitantes do castelo de *Araocelum* ⁽²⁾. Estará a família *Modestinus* de Canas de Senhorim em relação directa com o cidadão araocelense? A proximidade dos lugares leva a colocar essa hipótese. Ainda dentro da mesma região, e porque próximo, temos que considerar o famoso *Caius Cantius Modestinus*, o construtor dos templos de Idanha-a-Velha e Bobadela ⁽³⁾. Haverá uma relação entre todos estes indivíduos de cognome *Modestinus*?

Cilia aparece registado em vários locais da Península, sendo uma variante de *Cilea*. Distribui-se sobretudo pela área lusitano-galega, em que terá de se incluir este novo exemplo ⁽⁴⁾.

Tendo em consideração a paleografia e o formulário utilizado, datará este monumento da primeira metade do séc. I.

JOÃO L. INÊS VAZ

⁽¹⁾ I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 263. *Modestus* é um dos cognomes mais frequentes no mundo romano, aparecendo 310 vezes no CIL, na forma masculina, e 108 na feminina. *Modestinus*, por sua vez, está registado 27 vezes no CIL, 14 na forma masculina e 13 na feminina.

⁽²⁾ João L. Inês Vaz, *Epigrafia romana da Assembleia Distrital de Viseu*, Viseu, 1988, III, p. 12-13.

⁽³⁾ CIL II 401.

⁽⁴⁾ J. UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, mapa 35, p. 100-101.

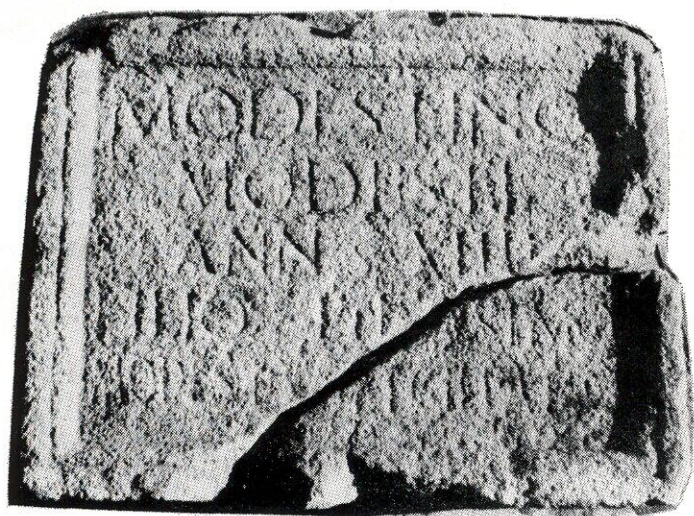


Foto 141

PLACA FUNERÁRIA DA SILVÃ (SÁTÃO)

Foto 142

Em data que não é possível precisar, foi encontrada na Quinta da Taboadela, freguesia da Silvã, concelho de Sátão, o fragmento de uma placa de granito de grão bastante fino. Segundo nos foi dito pelo proprietário da quinta, teria surgido após uma trovoadas, arrastada no meio da enxurrada; portanto, deve ser proveniente da *villa* romana que se situava no local onde hoje se encontra a quinta ⁽¹⁾.

Completamente deteriorada, fracturada em todos os lados, apresenta ainda sulcos longitudinais que parecem naturais e que, por conseguinte, já existiriam no momento em que foi gravada, o que levanta problemas de leitura.

Dimensões: 38 × 26 × 19,5.

L . A (*hedera?*) ICO / ANN(*orum*) XXV (*quinque et viginti*) .
. H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*).

Aqui jaz..., de vinte e cinco anos.

Altura das letras: 5-6,5.

⁽¹⁾ Esta inscrição foi detectada durante a realização do projecto da *Carta Arqueológica da Região de Viseu* que a *Associação de Defesa do Património e Ambiente — Amigos da Beira* está a levar a cabo. O projecto iniciou-se, em 1988, pelos concelhos de Viseu e Sátão, através de protocolos estabelecidos entre a referida associação e as câmaras municipais destes concelhos.

Parece ter havido um 'abuso' de pontos de separação entre letras e não apenas entre palavras: na l. 1, entre o *L* e o *A* vemos um sinal que deve ser um ponto circular; entre o *A* e o sufixo há um sinal que parece uma *hedera*. Na l. 2, todos os pontos são circulares.

A gravação das letras mostra dificuldade no manuseamento dos instrumentos e do material: o *I* não é recto; o *O*, embora redondo, é mais pequeno que as outras letras; os *AA* têm um traçado irregular.

Na l. 1, está parte do nome do defunto, sabendo-se apenas que o nome parece terminar com o sufixo *-aicus*. Este sufixo não é inédito na epigrafia regional, aparecendo na formação de epítetos de divindades indígenas (veja-se, como exemplo, *Cosei Vacoaico* — FE 140).

Se admitirmos que não se trata de um dativo mas, antes, de um nominativo, teríamos um nome de tema em *-O*, de que há exemplos em inscrições próximas — em Viseu⁽²⁾ e Pinheiro de Tavares (FE 53).

JOÃO L. INÊS VAZ



Foto 142

⁽²⁾ João L. Inês Vaz, *Introdução ao estudo de Viseu na época romana*, «Beira Alta», 42, 1983, p. 729-746.

ARA DE VISEU

Foto 143

Em 1980, quando das obras de reparação do chamado Solar dos Peixotos, freguesia de Santa Maria, na cidade de Viseu, apareceu, reaproveitado numa das paredes do edifício, um fragmento de ara.

Veio a verificar-se que estava anepígrafa. Não podemos saber se algum dia teria tido inscrição ou se ela seria simplesmente pintada. Em qualquer dos casos, do eventual texto não permaneceu qualquer vestígio.

De granito de grão fino, o seu maior interesse reside no facto de ser a primeira ara a surgir dentro do aro da cidade.

Tendo desaparecido novamente, não podemos dar mais qualquer outro elemento sobre ela, pelo que se apresenta apenas a fotografia feita quando estava ainda embutida na parede.

JOÃO L. INÊS VAZ

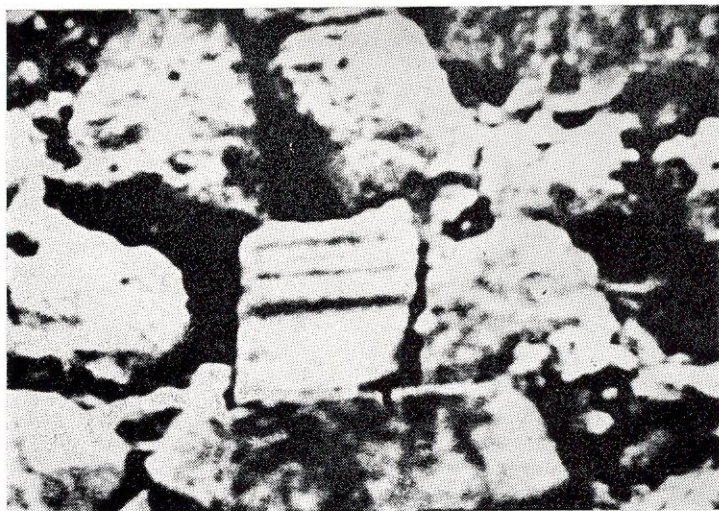


Foto 143